



Adeus ao eu: a enunciação do outar-se

José Ney Costa Gomes



RESUMO



O artigo analisa, à luz do conceito de singularidade múltipla de Deleuze, a enunciação do outar-se, no **Livro do Desassossego** (Bernardo Soares), focando as estratégias lingüísticas em torno das pessoas verbais (eu, tu e ele), desdobradas para além do uso gramatical previsto no sistema da língua portuguesa; neste sentido, vê-se que a 1ª pessoa do singular, suposto sujeito unitário, é ocupado por uma agenciaria coletivo; de pessoa supostamente unitária, o eu se torna palavra plural, heteronímica.



ABSTRACT

This article investigates, in the light of Deleuze's concept of multiple singularity, the enunciation of the "to be other" (outrar-se) in the **Livro do Desassossego** (Bernardo Soares), focusing the linguistic strategies concerning the verbal persons (I, you, and they), unfolded beyond the grammar use foreseen in the Portuguese language system. In this sense, we can verify that the 1st person singular, supposed unitary subject, is occupied by a collective negotiation; far from supposed unitary person, the I turns into plural, heteronymic word.



PALAVRAS-CHAVE

significante eu, enunciação do outrar-se, heteronímia.



KEY WORDS

enunciation of the "to be other" (outrar-se), significant I, heteronymic word.

Ser um é cadeia,

Ser eu é não ser

F. Pessoa

Ficarei nem Deus, nem homem, nem mundo, mero
vácuo-pessoa. Oco de Deus, sem universo...

Suma de não-eus sintetizados num eu posição.

F. Pessoa

*O que devo ser para o outro, deus o é para mim. O que
o outro combate em si mesmo e rejeita, enquanto dado
nocivo será aceito, encontrará perdão junto de mim e
se tornará carne preciosa do outro*

(Bakhtin, 1997:74).

O tema da interação do eu e do tu (ou do outro) é uma “avenida do pensamento” onde transitam pensadores como Bakhtin, Deleuze, Benveniste e outros que seria ocioso enumerar neste artigo. O tema onipresente ora é discutido pelo viés semiótico, ora pelo viés sócio-comunicativo, faltava consultar o viés lingüístico mais de perto.

Em língua portuguesa temos a coincidência significativa da 1ª pessoa verbal – eu – e o signo da totalidade ou alteridade absoluta – Deus.

Em Fernando Pessoa temos o devir do “eu como um outro” que pode ser enunciado numa versão radical como as formas “eu poder ser tu sem deixar de ser eu” porque, de saída, o eu que enuncia é vário; o significativo eu e o fato de ser um eu de eus (eu d’eus) constitui o próprio diálogo da heteronímia. No poeta maior da língua portuguesa, o eu pretensamente centro da personalidade é uma ilusão

ficcional, para ele, adquirimos uma personalidade, por hábito ou defeito existencial, pois, na verdade, o eu é feito de eus, isto é, é eu múltiplo, só por convenção e economia lingüística, concebido como eu unitário e coeso; o eu, no dizer de Deleuze, é “singularidade múltipla”, totalidade provisória e fragmentária, próxima do devir esquizóide, caosmótico.

Fernando Pessoa para enunciar a heteronímia criou para a língua portuguesa o verbo “outrar-se” e o substantivo “outragem”, confundiu o papel de dêitico das pessoas verbais, fazendo-as significar aquilo não previsto por Benveniste, uma vez que o eu heteronímico é também um não-eu (Ele) ancorado na terceira pessoa verbal; o eu de Fernando Pessoa fala sempre de um Ele, isto é, fala da perspectiva da alteridade, fala como o outro, observa observando-se a partir do espelho signico.

É isso que iremos analisar abaixo.

A enunciação do outrar-se não funciona como uma enunciação estética do próprio jogo constitutivo da linguagem verbal, que também se erige enquanto estrutura, na dinâmica dialética (ou dialógica), entre o *eu* e o outro? Não é próprio da linguagem verbal ser diálogo? Essa enunciação do outrar-se não constitui o palco de um *eu*, que ao invés de apagar o outro para evitar a dispersão característica do discurso, incorpora-o, e assim se constitui como a corda sobre o abismo que vai de mim (ou de *eu*) ao outro?

Na minha dissertação de mestrado interpretei a heteronímia sob o ponto de vista lingüístico, colocado pela idéia de um *eu* erigido em outro, isto é, um *eu* lingüístico que fazia a transmutação do *eu* unitário e egocêntrico da língua para o *eu* plural do discurso heteronímico, *eu* multifacetado, legião de *eus*: **eu eus**.

Nasceu dessa hipótese a motivação para interpretar ou traduzir essa idéia, criando o título: **adeus ao eu: a enunciação do outrar-se**.

De fato, se observamos a questão do ponto de vista exclusivamente heteronímico, isto é, sob a ótica do discurso literário, não há, de saída, uma passagem ou travessia do *eu*

aos *eus*, mas uma transmutação, pois dizer *eu* é remeter-se ao *eu* lingüístico e a toda a sua carga semântica egocêntrica, no sentido de que é impossível dizer *eu* sem pensar-se ilusoriamente num *eu* unitário, pois no plano lingüístico, a cada vez que se diz *eu*, é a um *eu* único e exclusivo a que se está referindo: a dimensão da língua é sempre egocêntrica.

Se a língua, porém, é um sistema egocêntrico, estático, regular, o discurso, é sem ego, é dinâmico, irregular, berço de um *eu* descentrado, atravessado de *eus*. É por ser um sistema estabilizado como polissêmico que a língua prevê os discursos desestabilizados.

O *eu* heteronímio segue essa travessia do *eu* lingüístico para o *eu* discursivo, mostrando, no nível do enunciado, a enunciação do outrar-se. O *eu* lingüístico, por força da tradição que sobre ele pesa, é sempre unitário, egocentrado, o *eu* discursivo, ao contrário, é construído na fragmentação e na dispersão, pois quem diz discursivo ou enunciativo, refere-se não a um produto, mas a um processo descontínuo, interrompido, fragmentado, dispersivo.

A questão do outrar-se foi mais apropriadamente desenvolvida por Fernando Segolin (1992) que entende a enunciação da **Procura do eu no discurso-Outro** como uma das forças transgressoras da obra pessoana. Afirma, com pertinência, que o *outro* do *eu*, no discurso, é *outro* discurso, pois esta é a função e o sentido da pluralização em Fernando Pessoa: o diálogo textual heteronímio ou o "*impulso transgressor do outrar-se*" (Segolin, 1992:20) focaliza um *eu* e um(ns) outro(s) "dialogando" o monólogo dramático da heteronímia.

Em Álvaro de Campos, o *eu* é mais ou menos semelhante ao de Bernardo Soares, nele o *eu* se pluraliza completamente no discurso, o *eu* é sujeito impessoal e total, capaz de querer ser tudo o que o discurso nunca consegue preencher integralmente. Álvaro de Campos é o *eu* tudo ou, marcando morfologicamente, o *eu/tu-do*, ele é "*a outridade definitiva do eu discursivo*" (ibidem: 84); enfim, o constante "outrar-se", verbo criado por Bernardo Soares e que resume o programa inteiro dos heterônimos.

Pareceu-me claro, então, que o outrar-se é um devir heteronímio de um *eu* erigido em condição necessária e fundadora do *outro*. Um *eu* do dis-curso, *eu* em cursos.

Numa aplicação indutiva-dedutiva, abstraí dos conceitos teóricos os fatos relativos à materialidade lingüística a fim de examinar como estão articulados os desdobramentos das pessoas responsáveis pela enunciação (*eu/ tu + ele*) no processo de "outrarem-se" no contexto enunciativo em que comumente aparecem, observando como a confusão entre as pessoas expande o lugar canônico de ocorrência delas.

Se Bakhtin concebe um *eu-para-mim* e um *eu-para-o-outro*, Bernardo Soares concebe um *eu-em-mim-sou-outro*, paradoxal segundo a teoria bakhtiniana, pois esta não prevê tal fórmula de enunciar e que cria o problema do inacabamento da obra.

O princípio que rege uma narrativa autobiográfica leva necessariamente ao inacabamento pois, declara Bakhtin (1997: p. 64), "*só posso compreender-me e dar forma artística ao ato do outro, dentro de mim, meu ato não se presta a uma forma e a um acabamento artístico*".

Ora, não se pode abstrair essa visão de Bernardo Soares, que buscava "*erguer-se a si mesmo pelos cabelos*", conforme a citação de Todorov¹, para se pôr fora de si sem sair de si, se tal empresa é possível. Logo, ele não podia "acabar" a si mesmo como autor, assim como a seu *Livro do Desassossego*.

A relação de Deleuze com a obra pessoana foi destacada pelo filósofo português José Gil no livro **Fernando Pessoa ou a Metafísica das Sensações** (s/d). Este filósofo faz uma análise deleuziana do texto pessoano e confirma a razão da escolha de minha fundamentação teórica.

Este filósofo explicita e descreve bem como é processada essa lógica da singularidade múltipla do plano enunciativo do outrar-se, quando afirma:

No devir-outro da heteronímia, não há um sujeito e um objeto em relação estática, mas o sujeito duplica-se de novo e sempre sobre a sua

sensação, tomando-a como objecto, antes de a (e de se) transformar: tendo decidido analisar as operações necessárias à transmutação das sensações em palavras poéticas, tomá-las por objectos, e querendo descrevê-las literalmente, ele (a singularidade Pessoa) foi levado a tomar como objecto esse sujeito que tomava como objecto de suas próprias sensações, transformando a sua actividade de experimentador e analista em matéria sensível a tratar artisticamente (porque, diz ele, tudo é acompanhado por sensações, até as idéias abstratas) - assim nasce Bernardo Soares, muito naturalmente, da lógica particular da produção poética pessoana (Gil, s/d: p. 13).

Estabelece-se, por conseguinte, como pressuposto que esse *eu*-sujeito-enunciador dinamiza um mecanismo singular de produção textual e, abdicando de ser, como tradicionalmente se compreende, um sujeito unívoco, centro produtor do texto, converte-se em uma espécie de foco irradiador de produtores enunciativos distintos, isto é, de heterônimos ou de espaço a que chamo poeticamente de **adeus ao eu** (a dinâmica do *eu* que se torna *eus*).

Deleuze (1997: p.13) é categórico sobre a função do *eu* e do *tu* no esquema enunciativo da literatura:

As duas primeiras pessoas do singular não servem de condição à enunciação literária; a literatura só ameaça quando nasce em nós uma terceira pessoa que nos destitui do poder de dizer eu (Deleuze, 1997: p.13).

Essa primeira pessoa com valor de terceira, e exercendo a função de aglutinar o outro, segundo Deleuze presentifica-se no *cogito* como um

eu passivo que se representa como um Outro que o afeta. Não é um outro sujeito, é antes o sujeito que se torna um outro... É a via de uma conversão do eu em outrem? Uma preparação do 'Eu é um outro'? É a nova sintaxe, com outras ordenadas, outras zonas de

indiscernibilidade asseguradas pelo esquema, depois pela afecção de si por si, que tornam inseparáveis o Eu (Je) e o Mim (Moi) (Deleuze, 1997: p. 45).

Entendendo-se que o lingüístico corresponde à materialidade da língua, o pragmático a intenção do discurso, e o literário, ao efeito estilístico, pode-se pensar as seguintes relações entre as pessoas do discurso:

Do ponto de vista de Benveniste, reconhecem-se :

peças da enunciação	não—pessoa (externa à enunciação)
eu / tu	ele

O ponto de vista de Maingueneau, desenvolvendo a noção de cenografia literária, permite ampliar o reconhecimento da complexidade das pessoas enunciativas.

Enunciador	Co-enunciador/enunciatário (nível literário)	Referente
eu / tu	tu	ele

Observa-se que o *tu* ocupa duas posições: na primeira participa idealmente do processo de enunciação, ou seja, da escolha e combinação dos elementos da língua para constituir o enunciado; na segunda, coloca-se em outro processo, o de dar sentido aos elementos lingüísticos no enunciado. Esta atividade implica a noção de cenografia, que se constitui da enunciação e seu produto, o enunciado, que, por sua vez, configura-se como tal quando recebe o sentido dado pelo *tu*, co-enunciador, articulado a um espaço e tempo. Ao cumprir essa função o co-enunciador se instala como enunciatário.

Do ponto de vista do outrar-se, acredita-se que o quadro torna-se ainda mais complexo, porque o *tu*, além de ocupar as duas posições descritas acima, coloca-se como referente criando uma simbiose em que *eu/ tu/ ele* não se

distinguem mais. Assim, neste esquema, a cenografia enunciativa é confusão de sujeitos:

Enunciador	Co-Enunciador	Enunciatário	Referente
eu-tu-ele	ele-eu-tu + ele/leitor	eu-tu-ele+ele/leitor	eu-ele-nós+ele-mundo

Entenda-se por isso: a instância *eu* é composta de um *eu-ele* e de um *tu-ele*, respectivamente, enunciador e enunciatário, que são, na verdade, um enunciador e um enunciatário co-enunciador.

As oposições do par *eu/tu* versus *ele*, estabelecidas por Benveniste e ampliadas do ponto de vista da noção de cenografia e de discurso literário por Maingueneau, permitiram o vislumbre da enunciação do outar-se: aquela para qual é pertinente dizer que o *eu* é sempre uma infinidade de outros.

O *eu* deve ser interpretado como *eu/ele*, *eu/tu*, *eu/nós* (*eu+tu+ele*), segundo o contexto em que apareça. O *ele* é ele-enunciador (autor), *ele-tu* (leitor) e *ele* (referência) simultaneamente.

A não-pessoa ou o *ele* de Benveniste, não designando ninguém especificamente, coloca-se no contexto (exterior) da enunciação pessoana. Essa operação é pressuposta pelo próprio mecanismo da enunciação, e como tal *ele* é, no quadro do outar-se, o leitor, o autor, o enunciador e o enunciatário.

O *eu-ele* supõe o idioleto de Fernando Pessoa. O *eu* do outar-se é, na verdade, um *ele*; *ele* absoluto, substantivo, (signo do **adeus ao eu**), usado morfológica e semanticamente como signo de um conjunto de *ad'eus*. Esta coincidência é exclusiva da língua portuguesa: *eus* ou *ad'eus* porque o *ele-d'eus* (dos eus) não é expressivo semanticamente para poder comportar todas as conteúdos correspondentes à não-pessoa. O *ele-eu* é a causa da despersonalização do *eu* do outar-se. *Ele* é o aposto de *eu-tu-nós* (todos os outros possíveis), uma representação na letra de uma concepção ou idéia literária: outar-se.

O *eu-ele* do outar-se pressupõe a presença do leitor acei-

tando as regras do jogo literário e interpretando o *eu* como múltiplo, é o leitor quem, na posição de co-enunciador faz o jogo lingüístico funcionar.

Pode-se concluir que a língua funciona, na cena enunciativa, como o ponto de partida e o ponto de chegada do enunciado, ela é o ponto de vista estabilizador do discurso literário pessoano ou, pode-se dizer, ela é a matéria onde a instabilidade do discurso fixa-se, tornando-se inteligível; não existisse a língua como um conjunto estrutural e sistêmico, não existiria a linguagem (em função comunicativa e expressiva) nem a enunciação literária seria possível. É por isso que a língua é sempre o ponto de vista privilegiado para o estudo da expressão literária.

O importante é entender as estruturas funcionais das pessoas verbais como estrutura dinâmica. Entre o *eu* e o *tu* há o espaço discursivo do texto. Esse espaço discursivo é o lugar do sujeito. O sujeito para a Análise do Discurso, porém, é moldado pelo discurso do outro. O sujeito não é mais considerado único, origem e fonte do discurso, como fora entendido outrora porque, na sua fala, outras vozes falam. A relação entre identidade e alteridade é dinâmica, o sujeito *eu* é complemento do sujeito *tu* (o outro-do *eu*): "*O centro da relação não está, (...) nem no eu nem no tu, mas no espaço discursivo criado entre ambos. O sujeito só se completa na interação com o outro*" (Brandão, 1996: p. 46).

Essa forma de visão das coisas remete-nos novamente à noção do dialogismo de Bakhtin e confirma que o falante é formado a partir do outro, e este outro desempenha um papel constitutivo na subjetividade do *eu*. Assim, a palavra nunca é monológica, mesmo quando assume forma aparente de monólogo como na enunciação do outrose.

Embora a figura do *outro* seja irredutível à figura do interlocutor direto, esse *outro* pode não estar marcado lingüisticamente, ou seja, pode estar mascarado, e ser simplesmente uma ausência, uma falta, um interdito do discurso. Entretanto, em qualquer caso, estará sempre lá, pois afirma Maingueneau:

No espaço discursivo, o Outro não é nem um fragmento localizável, nem uma citação, nem uma entidade exterior; não é necessário que Ele seja atestável por alguma ruptura visível da compacidade do discurso. Ele se encontra na raiz de um Mesmo sempre já descentrado em relação a ele próprio, que não é nenhum momento localizável sob a figura de uma plenitude autônoma. Ele é o que sistematicamente falta num discurso e lhe permite fechar-se em um todo. Ele é esta parte do sentido do que foi preciso que o discurso sacrificasse para constituir sua identidade (Maingueneau, 1993: p. 31).

O sujeito para a Análise do Discurso não é nem totalmente um sujeito absoluto transcendental, nem totalmente assujeitado à ordem social. Ele se constrói na interação com o outro e o espaço onde essa interação ocorre é o texto. Uma concepção de sujeito que reflita o hábito gramatical de dizer *eu* como sendo uma operação absoluta não encontra eco atualmente, o sujeito incorpora a ideologia (a relação com o poder) e o desejo (a relação com o inconsciente).

É esta a concepção de sujeito que vem na esteira de Nietzsche com seu sujeito cindido, radicalmente aberto para a alteridade do inconsciente, incapaz de se encerrar em si mesmo na ilusão de uma transparência para si que sustenta o intervalo do **adeus ao eu**. A resposta à pergunta que abre este artigo está, portanto, no fundamento que se escora no fato de o *eu* ser uma ficção, um *hábito gramatical*, jamais a totalidade da pessoa. O *eu* é múltiplo, é pura diferença.

Dando a voz a **Bernardo Soares**, Fernando Pessoa faz logo perceber a confusão enunciativa na qual ele simula estar no lugar do *eu*, do *tu* e do *nós* impessoal:

“Eu próprio **não sei se este eu**, que vos expinho por estas coleantes páginas **fora, realmente existe ou é apenas um conceito estético e falso que fiz de mim-próprio**. Sim, é assim.

Vivo-me esteticamente outro. Esculpi a minha vida como a uma estátua de matéria alheia a meu ser" (Soares, 1996: 204). (negrito meu)

É comum em Bernardo Soares a alteração de uma regência verbal para enfatizar essa onipresença do narrador. A forma verbal do idioleto² pessoano força o verbo *ubiquar* a aceitar a conjugação da primeira pessoa do presente: *eu ubiquito-me*, que seria equivalente a *eu me torno onipresente, eu sou onipresente*. Ou ainda: "*Assisto a mim. Presencio-me*" (1996:288).

No exame do **adeus ao eu**, não se percebe nenhuma conotação metafísica de "deus", ser transcendental, apenas confirma-se a marcação morfológica do prefixo latino *ad'* com sua idéia de aproximação ou de em direção a, no caso, junção dos *eus*, em direção aos *eus*, plural da enunciação do outrar-se. O *adeus ao eu* é a despedida do sujeito único, individual, que não se sustenta em Fernando Pessoa. No contexto da ocorrência do *outrar-se*, a idéia a ser apreendida é a de que em todo enunciado devemos supor a seguinte tradução literal: *eu-em-mim-sou-outro*.

Tal ocorre porque, no texto, é dito: "*Deus sou eu*" (Soares, I,149) e "*Ser eu deus*" (Soares, I,105). E deus quer dizer: "*Chamando-lhe Deus dizemos tudo, porque não tendo a palavra Deus sentido algum preciso, assim o chamamos, sem dizer nada. Os atributos de infinito, de eterno, de onipotente, de sumamente justo e bondoso, que por vezes lhe colamos, **descolam-se por si como todos os adjetivos desnecessários quando o substantivo basta.** Ele, a que, por intermédio, não podemos dar atributos, é, por isso mesmo, **o substantivo absoluto**" (Soares, II, 377). (negrito meu)*

Quem diz *eu sou deus*, no contexto enunciativo que estamos interpretando, diz *Ele é eu*, significando com esse *Ele* maiúsculo o substantivo absoluto do *eu d'eus*, ou seja, a condição do poeta de penetrar no mundo para, vendo o que o Homem comum não vê, ou falando o que este não fala, desvendar-lhe "substantivamente" seus segredos...

Assim, as pessoas da enunciação pessoana transgridem a regra usual do intercâmbio lingüístico para adaptá-la ao contexto desse outrar-se substantivo. Os lugares das pessoas enunciativas são intercambiáveis sem respeito ao esquema canônico da enunciação *eu/tu* e *ele*. Por exemplo, observa-se a ocorrência em que o *ele* é um *eu* na frase: "**Eu sonho e por detrás de minha atenção sonho comigo alguém**" (Soares, I:33). Reconhece-se no campo semântico da primeira pessoa, um *eu*; marcado na terminação o da primeira pessoa do verbo sonhar, no pronome possessivo adjetivo *minha*; e no complemento *com+ migo* que fecha a aura semântica do *eu*. No campo semântico do *ele* temos, a desinência *a* da terceira pessoa do verbo e o pronome indefinido *alguém* que pode bem ser substituído por um *ele*. Numa tradução literal poderíamos dizer: *eu que sou outro, sonho em mim, o sonho de alguém*.

Nas pessoas ampliadas é flagrante a idéia do outrar-se, subentendida nas conjunções do (nós) *eu + outros*: "**Éramos fora e outros**" (Soares, I:34), "**Éramos nós obscuramente dois, nenhum de nós sabendo bem se o outro não era ele próprio, se o incerto outro viveria...**" (Soares, I:37), "**...cada um de nós era uma ilusão do outro**" (Soares, I:38), "**...somos todas essas almas conjunta e interactivamente**" (Soares, I:148).

É abundante, por isso, a) a criação de neologismos, substantivo: "**...a outragem**" (Soares, I:208) e outro inclassificável formado pela palavra *entre + v. ser*, dando a idéia de ser entre outros no sonho: "**Não durmo. Entresou**" (Soares, I:328).; e b) a alteração da regência de certos verbos que traduzem a idéia do outrar-se: "**Em prosa é difícil de se outrar**" (Soares, II:9), "**...ubiquito-me** neles" (Soares, I:150), "**Sou-me**" (Soares, II: 136), "**eu sonho-me a mim próprio e de mim escolho o que é sonhável, compondo-me e recompondo-me de todas as maneiras...**" (Soares, I:71), "**Assisto a mim. Presencio-me**" (Soares, I:255). E por fim quando para revelar a relação dos nomes de dois dos três supostos heterônimos autores do **Livro do Desassossego** (também atribuído a Vicente Guedes) há a construção de um neologismo (advérbio?), que é um primor da síntese do outrar-se: (...) "**Bernardo Soares e o barão de Teive - são**

ambas figuras minhamente alheias" (Soares, II: 7). (negritos meus)

Assim, evidencia a análise que entre o *eu* e o *outro* há o signo, a língua e os sentidos. No intervalo entre o signo do dizer *eu*, o hábito de ser *eu* no *meu* lugar de enunciador no mundo e o signo, hábito e lugar do *outro*, está o *eu* composto de "egos" não entendido no sentido freudiano, mas no sentido dos orientais, aquele que, como o faz a criança, confunde o *si* e o *eu* com o mundo exterior.

Bernardo Soares é exemplo do *eu* colocado nesse intervalo: um ego que se diz rei em um lugar e função social de plebeu. Um ego sonhando ser um rei em um *eu* de plebeu lúcido.

A língua diz saber exatamente o que é dizer *eu* e o *eu* pragmático aceita esse jogo de acreditar, dizendo-se também *eu*, mesmo sabendo que tal jogo ultrapassa o espaço do inconsciente e do real. É o faz de conta maravilhoso da linguagem verbal que possibilita um *eu* enunciar-se como único, singular, arbitrariamente dono da língua: *eu* ficcionalmente *eus* num **adeus ao eu**.

A análise dos textos mostrou, sobretudo, que o sujeito *eu*/ Pessoa que enuncia domina a língua de uma forma excepcional, que o comum dos mortais não é capaz de dominar. Por isso é truismo afirmar que a consciência é reconhecimento. O que se conhece do *outro* é parte do reconhecimento de si mesmo. O signo, em sua natureza linguística, não comporta toda a carga da enunciação subjetiva e pede algo de fora, do *outro* para completá-lo. A consciência de dizer *eu* é uma abstração para tornar enunciável o universo da inconsciência.

No cotidiano dos usuários da língua, dizer *eu* na inconsciência do que isto significa constitui acontecimento similar ao da astrofísica em que o buraco-negro é maior que o sistema galáctico. Seja lá o que for tal buraco, a concentração de energia nele é maior em tamanho e profundidade do que a do sol e seu sistema. Ora, o *outro* é o buraco-negro do *eu*. A linguagem verbal, representada no signo, intermedia a verdade e constitui o mundo do *outro*. Toda linguagem é sempre intersubjetiva ou dialógica, tra-

duz, revela, reconhece, interpreta o desconhecimento do *eu*. Primordialmente, o Homem pouco ou nada sabe de si e quase nada pode saber do outro, senão aquilo que a linguagem lhe diz que *ele* sabe e *ele* aceita como tal; o Homem somente é livre para ignorar esse jogo ilusório, se quiser.

Esse jogo é o equivalente da enunciação do outrar-se no plano estético. No plano lingüístico-literário essa equação redundante na criação ficcional dos heterônimos. Esses são outros *eus* traduzidos em signos por uma inconsciência de si chamada Fernando Pessoa que, como os outros que inventou, também se torna ficção.

A enunciação do outrar-se é, portanto, a encenação do próprio jogo constitutivo da linguagem verbal e, no exame desse jogo, encontram-se as peças que respondem às perguntas feitas na introdução deste artigo.

A encenação do outrar-se compreende a montagem de um cenário enunciativo em que o *eu*, na sua legítima função de ator no palco, ao invés de apagar a luz sobre o outro, o espectador, incorpora-o para evitar a dispersão característica do discurso e o faz de tal maneira que instala uma tensão permanente, o da *in-significância*: ponte sobre o abismo que vai do *eu* ao outro na despedida ou **adeus ao eu**.

Essa enunciação se dá no espaço discursivo criado por essa ponte que liga o *eu* e o *outro* ou, como preferia Benveniste, o par *eu/tu*. O *eu* é sempre o mesmo onde o *tu* ocupa o lugar do *outro* no intervalo do signo.

O papel do *Outro* é constituir o *eu*, o *mesmo* no *outro*. Algo permanece igual na diferença. Ser diferente a cada vez é também uma permanência, um *mesmo* que se expressa a cada vez que diz *eu* como *outro*.

Assim, a análise interpretativa dos textos pessoais permite concluir que o **adeus ao eu** é ilusão de travessia do fosso formado pela incompletude do Homem. O neologismo *outrar-se* eufemiza nesse homem, e através da linguagem, o desconhecimento de si mesmo.



NOTAS

- 1 - "Identificar o seu 'eu' com o 'eu' que eu conto é tão impossível quanto tentar erguer-se a si mesmo pelos cabelos" (Bakhtin, In Todorov, 1997, p. 82-3).
- 2 - A gramática, definindo o uso, faz divisões legítimas e falsas. Divide, por exemplo, os verbos em transitivos e intransitivos; porém, o homem de saber dizer tem muitas vezes que converter um verbo transitivo em intransitivo para fotografar o que sente, e não para, como o comum dos animais homens, o ver às escuras. Se quiser dizer que existo, direi "sou". Se quiser dizer que existo como alma separada, direi "Sou eu". Mas se quiser dizer que existo como entidade que a si mesma se dirige e forma, que exerce junto de si mesma a função divina de se criar, como heide empregar o verbo "ser" senão convertendo-o subitamente em transitivo? E então, triunfalmente, antigramaticalmente supremo, direi "Sou-me". Terei dito uma filosofia em duas palavras pequenas. Que preferível não é isto a não dizer nada em quarenta frases? (...) Que mais se pode exigir da filosofia e da dicção? (Bernardo Soares, 1996: 137).



REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de lingüística geral**. Campinas: UNICAMP, 1997.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas: UNICAMP, 1991.
- DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. São Paulo: Editora 37, 1997.
- _____. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- _____. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. Lisboa: Assírio & Alvim, s.d.

_____. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

GIL, José. **Fernando Pessoa ou a metafísica das sensações.** Lisboa: Relógio d'Água, s.d.

GIL, José. **Diferença e negação na poesia de Fernando Pessoa.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000.

GIL, José. **O Espaço interior.** Lisboa: Presença, 1994.

GOMES, José Ney Costa. **Adeus ao eu: a enunciação do outrar-se.** Dissertação de mestrado em língua portuguesa na PUC-SP, 1999.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise do discurso.** Campinas: UNICAMP, 1993.

_____. **Elementos de lingüística para o texto literário.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. **O Contexto da obra literária.** São Paulo: Martins Fontes, 1995.

_____. **Pragmática para o discurso literário.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MAIOR, Dionísio Vila. **Fernando Pessoa: heteronímia e Dialogismo: o contributo de Mikhail Bakhtine.** Coimbra: Almedina, 1994.

PESSOA, Fernando. **O Livro do desassossego por Vicente Guedes e Bernardo Soares.** (Recolha, leitura, organização e notas de Teresa Sobral Cunha, 2 vols). Campinas: UNICAMP, 1996.

_____. **Obra poética e em prosa.** (Org. e notas de António Quadros e D. Pereira da Costa. Tomos I, II e III). Porto: Lello & Irmãos, 1986.

SEGOLIM, Fernando. **Poesia, transgressão, utopia.** São Paulo: EDUSP, 1992.

O autor é Mestre em Língua Portuguesa – PUC-SP